

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Liberal*

Class.: 85

Data: *19 de fevereiro de 1989*

Pg.: _____

Acordo para manter paz em Altamira

Foto: Civaldo Carneiro



Em Altamira, os índios kaiapó se pintam e, apesar do susto causado pelos tiros contra sua chácara, querem mesmo é a paz

O cacique kaiapó Paulinho Paiakã, que ainda convalesce em Belém de uma cirurgia, disse ontem que pretende ajudar as lideranças indígenas a manterem-se calmas e mostrou-se disposto a tentar um diálogo com empresários e representantes de diversas entidades, para evitar confrontos durante o I Encontro das Nações Indígenas do Xingu, que começa amanhã, em Altamira.

A preocupação de Paiakã, em garantir a paz, decorreu de um incidente ocorrido ontem de madrugada, quando cinco tiros foram disparados por desconhecidos, contra a chácara em que se acham acampados os índios. Os autores dos disparos encontravam-se dentro de um carro, que desapareceu logo.

Em entrevista coletiva, os índios reafirmaram seu compromisso com a paz, chamando de irmãos os brancos e enfatizando sua condição de brasileiros. Representantes da Associação Comercial atribuíram os tiros "a desocupados". Para eles, não interessa "criar um novo Chico Mendes". Mais 60 soldados foram enviados pelo Governo do Estado e outros 200 deverão reforçar o policiamento. (Página 17)

ABERTURA

A abertura do I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu apresentará o seguinte cerimonial. A sessão solene será presidida por Paulinho Paiakan (Bep Kororoti, seu verdadeiro nome). Em seguida, a nação Kaiapó, que deverá estar representada por aproximadamente oitocentos índios, fará a celebração do Memyrykaty (pronuncia-se memorukaity), que consiste em cantos de boas-vindas e uma maneira mítica de atrair os fluidos do bem sobre os participantes do encontro e a população da cidade que os acolhe. Depois, cada nação indígena falará através de suas lideranças, começando pelos nacionais e em seguida os estrangeiros.

A cerimônia terá lugar amanhã às 8:00 horas, no Centro Comunitário da Prefeitura de Altamira.

PROCESSO

O processo movido na Justiça Federal contra os índios Paiakan, Kube-i e o cientista Darrell Posey não mais será objeto de debates durante o Encontro de Altamira. Para o advogado José Carlos Castro, que representa a OAB e defendeu os índios, o assunto está definitivamente encerrado, em respeito à decisão da Justiça.

CONFRONTO

Velho observador dos fatos amazônicos fala que não haverá nenhuma possibilidade de confronto em Altamira por ocasião do Encontro dos Índios do Xingu, devido ao caráter pacífico dos habitantes da cidade e dos participantes do encontro. O que se passa é que na região amazônica se construiu e se projeta construir o maior número de hidrelétricas do país e sua população já conhece os males e benefícios que as mesmas trazem. Diz que é natural e até salutar que surjam correntes opostas, o que pode levar a debates interessantes.

Quanto à presença da imprensa e do interesse internacional, também para o observador é natural, uma vez que os temas índios e ecologia não se circunscrevem ao território de um único país. Exemplo é a morte de Chico Mendes, que se devotava à ecologia. Mesmo ocorrendo numa pequena cidade do Acre, continua sendo notícia internacional.

O observador apenas prevê pequenas escaramuças ou desencontros.

Belém, domingo, 19 de fevereiro de 1989

Kararaô, palavra quase sagrada. Agora uma ameaça.

Altamira (do correspondente Manoel Dutra) — Apenas dois dias antes do início do I Encontro das Nações Indígenas do Xingu, em Altamira, cerca de 300 índios acampados na chácara Betânia, distante 8 quilômetros da cidade, foram despertados na madrugada de ontem com os estampidos de 5 tiros de revólver disparados pelos ocupantes de um veículo não identificado e que sumiu na escuridão. Houve princípio de alvoroço na chácara que abriga o Centro de Formação, de propriedade da Pre-lazia do Xingu. Pela manhã, ainda chocados com o acontecido, centenas de índios realizaram diversas sessões de danças em trajes de guerra, rostos pintados, bordunas e flechas nas mãos.

A entrada da "Betânia" a segurança foi redobrada e qualquer pessoa somente era autorizada a entrar ostentando o crachá de credenciamento. Ao meio-dia, 12 caciques da nação Kaiapó, tribo que organiza o encontro, juntamente com 7 representantes guerreiros, convocaram uma entrevista coletiva na churrascaria Casa Grande, no centro de Altamira. Na presença do delegado de polícia, Carlos Carli de Araújo e do comandante do pelotão local da PM, capitão Lima, as lideranças indígenas denunciaram a agressão e pediram providências das autoridades.

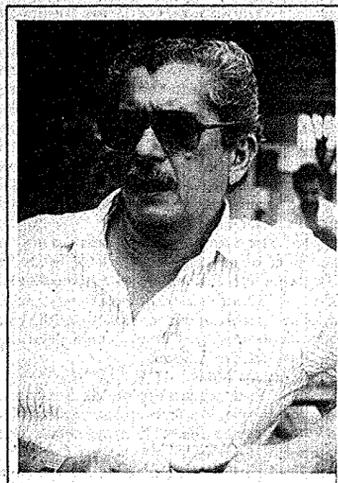
Antes da entrevista, os chefes dos índios foram apresentados aos 100 jornalistas brasileiros e estrangeiros presentes pelo ecologista Pinon Friaes, da Sopren (Sociedade de Preservação dos Recursos Naturais e Culturais da Amazônia). O primeiro a falar foi o luxaua Kaiapó Tuto Pombo, da aldeia Kriketum. "Nós não viemos brigar nem fazer guerra com branco, nosso irmão brasileiro, mas atiraram ontem e agora está tudo bem", disse Tuto Pombo, acrescentando: "Viemos aqui fazer um trabalho para todo mundo ficar amigo. O Pedro Cabral atravessou, mas antes disso o índio já morava aqui; nós e o delegado nascemos aqui e somos brasileiros".

O delegado Carlos Araújo disse "ter recebido a notícia dos tiros com muita apreensão", mas que ele, a polícia vai dar garantias às duas partes envolvidas na questão da hidrelétrica de Kararaô, os que a defendem (empresários, comerciantes, políticos) e os que a combatem (índios, ecologistas, partidos de esquerda). Até o meio-dia, não tinha sido aberto inquérito policial para apurar o incidente ocorrido de madrugada. Carlos Araújo explicou que ninguém tinha comparecido à delegacia para dar queixa. Quanto às passeatas marcadas para amanhã, o delegado afirmou estar tomando providências para evitar um possível choque.

Grito de guerra

Outros caciques se manifestaram, fazendo questão de afirmar que vieram para o encontro de Altamira sem qualquer espírito de animosidade, mas apenas para defender o direito que têm, de serem ouvidos pelo governo sobre a construção do complexo das barragens de Kararaô e Babaquara, primeiro passo para o Complexo Hidrelétrico de Altamira. Durante a entrevista, por telefone, o líder Kaiapó Bep-Kororoti (Paulinho Paiaká) falou de Belém, onde convalesce de uma operação de apendicite.

Paiaká informou ao repórter Emanuel Vil-



O delegado Araújo

Altamira assiste desconfiada à pacífica invasão

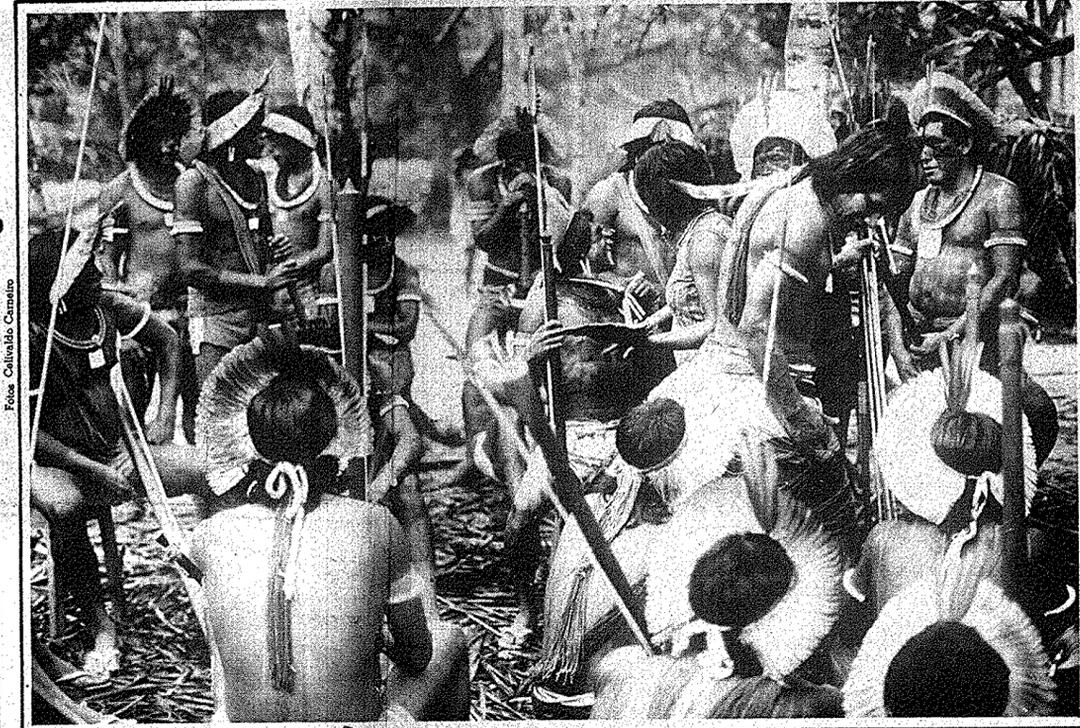
A vida mudou em Altamira.

Ninguém sabe ainda precisar quantas pessoas chegaram nos últimos dias a esta cidade de 85 mil habitantes. Esse contingente será maior a partir de hoje, com três vôos extras lotados que a Taba fará saindo de Belém. Os organizadores do I Encontro das Nações Indígenas do Xingu esperam a presença de 800 índios e cerca de 1.200 brancos do Brasil e do exterior. Destes, espera-se algo em torno de 150 jornalistas de todos os principais veículos do país e de outros países.

Já estão em Altamira jornalistas do New York Time, Washington Post, Die Welt (da Alemanha Ocidental), Paris Match; televisões dos Estados Unidos, de países da Europa e repórteres de agências noticiosas.

Nos quatro principais hotéis, hospedarias e pensões não há mais vagas, há muito dias. E muitas casas estão sendo alugadas a preços que ficam em torno de NCz\$ 15,00, por pessoa, ao dia. Grande parte dos táxis está sendo alugada a NCz\$ 50,00, por dia. Nos restaurantes, são comuns as queixas dos visitantes que chegaram com mais antecedência, sobre os preços subitamente majorados: um churrasco rodízio custa NCz\$ 4,00, por pessoa.

Nas ruas, muita gente ainda fica observando tantos rostos diferentes, desde um representante dos índios mexicanos, às levadas de gente corpulenta e de pele branca que mudam a paisagem. Decididamente a classe média de Altamira não está apreciando a súbita notoriedade de sua cidade. Nas calçadas percebe-se olhares nada animadores para os visitantes que, a despeito do assunto que vieram tratar, deixarão um bom dinheiro na praça.



Efêmera mudança na vida de Altamira, o encontro dos povos indígenas enfrenta a resistência de quem defende o progresso a todo custo. Os índios defendem seu direito à terra.



Gabeira analisa as perspectivas de transformação

Para o escritor e líder do Partido Verde, Fernando Gabeira, que chegou a Altamira na sexta-feira à noite, "não se deve esperar confrontos graves aqui, talvez uma ou outra pequena provocação". Ele opina que a reunião dos grupos indígenas é um momento forte, "de afirmação do movimento indígena, que hoje já pode expressar-se sem a tutela dos brancos, sem a tutela do controle internacional".

Gabeira frisa que, diante das críticas sobre o interesse de organismos internacionais, a respeito da questão ecológica da Amazônia, é preciso lembrar que o capital estrangeiro está aqui dentro há muito tempo, empregado em atividades predatórias e que agora existe a possibilidade de redirecionar o fluxo desse capital.

Ele acha que os países que investem na Amazônia estão vendo que não podem continuar contribuindo para a devastação da natureza, de vez que perceberam que o desequilíbrio ecológico da Amazônia pode afetá-los também. Esses capitais poderiam, frisa Gabeira, ser direcionados para a construção de pequenas e médias hidrelétricas e não para os grandes empreendimentos como o projetado Complexo Hidrelétrico de Altamira. "Os países desenvolvidos percebem hoje que lhes será prejudicial continuar fazendo na Amazônia o que já fizeram na África, Ásia e na própria América Latina".



Fernando Gabeira

Paulinho Paiaká aproveitou a ocasião para pedir mais uma vez às autoridades que mandem retirar as faixas e os out-doors espalhados pelas ruas de Altamira, exaltando a construção da barragem de Kararaô. "Para nós, a palavra kararaô é um grito de guerra e muitos dos nossos poderão entender isso como uma provocação". Sobre o pedido aos organizadores da passeata dos defensores da barragem que não gritem, na rua, a palavra "kararaô", o que poderia ser, ainda mais, interpretado pelos índios como um convite expresso para a briga. "Esta palavra é como se fosse sagrada, para nós, tem um sentido todo especial".

Ante o clima de apreensão, embora ambas as partes digam que farão tudo pacificamente, o governo do Estado mandou um contingente de 60 soldados da PM de Santarém, para juntar-se aos 20 PMs já existentes em Altamira. O delegado Carlos Araújo informou que a Coordenadoria Geral de Polícia do Estado está para confirmar a remessa de mais uns 200 soldados que poderiam ser deslocados de Marabá e Tucuruí.

Com ajuda do grupo já chegado de Santarém, as ruas centrais da cidade já estão sendo ostensivamente policiadas desde ontem de manhã.

A apreensão maior parte do fato de que as

duas passeatas estão programadas para amanhã à tarde, quase à mesma hora e com itinerário parecido. A polícia informou que, da parte dos defensores da barragem, já houve uma alteração no itinerário e todos sairão de carro desde a rua Djalma Dutra. Também há a possibilidade de um acordo entre a comissão dos empresários com as lideranças indígenas para que os horários das duas manifestações não coincidam.

"O povo de Altamira não tem qualquer intenção de criar mais um Chico Mendes, sobretudo diante dos olhos da imprensa do mundo inteiro", disse o presidente da Associação Comercial e Vereador, Luis Bossatto. "Nós temos pontos em comum — acrescentou — mas eles

não abrem mão de nada". O ponto em comum é que nem os índios nem as classes dirigentes de Altamira desejam a barragem de Babaquara. A divergência recai na de Kararaô. Indígenas e ecologistas defendem a extensão do linhão de Tucuruí até Altamira. "Mas o linhão não vai trazer o impacto de progresso que as hidrelétricas haverão de trazer", pensa Luis Bossatto. Quanto aos tiros no acampamento dos índios, ele imagina tratar-se de ação de algum desocupado. "Aqui, algumas vezes, há gente que até festeja aniversário dando tiros para cima".



Tuto-Pombo, ao centro, fala de paz em nome de todos



Trezentos índios se espantaram com os tiros disparados



Cerca de 800 indígenas são esperados em Altamira

Tribunal da Natureza põe o Estado no banco dos réus

Dos sete componentes do Conselho de Sentença do Tribunal Amazônico da Natureza, que será realizado em Belém, no dia 21 deste mês, às 17 horas, no auditório do Centur, seis já estão com suas presenças confirmadas: o engenheiro agrônomo João Batista Bastos, ex-secretário de Agricultura; professor Paulo Noselas, de Educação Popular da Faculdade de São Carlos, de São Paulo; deputado estadual Edmilson Rodrigues, do Partido dos Trabalhadores (PT); Walmir Santos, ex-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE); engenheiro agrônomo Floriano Isolani, presidente da Federação dos Engenheiros Agrônomos do Brasil; e engenheiro agrônomo Walter Lazarini, secretário de Agricultura de São Paulo.

O último nome a ser definido será o de um representante do Partido Verde (PV). Segundo a socióloga Eunice Léa de Moraes, do Grupo de Estudos e Debates sobre Agricultura (GEDA), que organiza o Tribunal, o encontro vai ser uma atividade de complementação e apoio ao Encontro Nacional dos Povos Indígenas, que se inicia amanhã, em Altamira. O Tribunal será realizado em Belém para permitir a participação de pessoas interessadas em discutir problemas ecológicos, que não possam se deslocar para Altamira.

O encontro, que terá entrada franqueada ao público, inicia com um pronunciamento do engenheiro agrônomo José Lutzemberg, que chega a Belém na tarde que antecede a realização do Tribunal. José Lutzemberg falará com a imprensa ainda no aeroporto, quando desembarcar em Belém, às 18h30, proveniente de Porto Alegre. O engenheiro agrônomo, ganhador do prêmio Nobel Alternativo em 1988, tem 62 anos e criou, na década de 70, a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural.

Durante alguns anos, José Lutzemberg trabalhou na multinacional Basf, indústria química. Aquela época, conta ele, "só me preocupava com pesticidas". Ao deixar o emprego, criou uma empresa particular que trabalha somente com adubos naturais e implementou a luta pela proteção do meio ambiente no sul do país. Junto com a Associação, ele

conseguiu que fosse aprovada a primeira lei estadual restringindo o uso e comercialização de agrotóxicos.

José Lutzemberg é favorável à proposta dos países credores do Brasil, que querem trocar o pagamento da dívida externa por investimentos em projetos de preservação na floresta. Segundo ele, seria melhor para o governo e para os cidadãos que a dívida fosse paga não com a devastação, mas com a manutenção dos ecossistemas originais. Crítico caustico dos incentivos fiscais aprovados pelo governo brasileiro, o ecólogo afirma que a Amazônia está sendo "arrombada" e que ninguém sabe dizer, ainda, as consequências climáticas que podem advir desta "pilhagem".

Do interior do Estado, das áreas devastadas e atingidas pelos efeitos dos grandes projetos, virão as testemunhas, para contar os casos sofridos e os danos gerados pela atividade devastadora. O objetivo do Tribunal é discutir a forma predatória de exploração que vem caracterizando a ocupação da Amazônia e o massacre das populações regionais. Além do Conselho de Sentença, haverá um júri popular para se manifestar sobre os crimes.

Durante a realização do Tribunal, a Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos (SPDDH) vai expor, no hall do Centur, fotografias mostrando algumas das situações de exploração das populações ribeirinhas e indígenas, prejudicadas com os projetos julgados. Haverá fotografias mostrando a situação dos moradores das áreas de Tucuruí e Marabá, especialmente afetadas com a usina hidrelétrica de Tucuruí e pelos projetos de garimpage.